

Sistematização de experiências: potências e desafios na pesquisa em educação

Almeida, Sara Ferreira de ¹

Campos, Alessandra Bernardes Faria ²

Barcelos, Daiane Cenachi ³

RESUMO

Neste artigo refletimos sobre os caminhos da pesquisa acadêmica referenciada pela Educação Popular. Partimos da problematização das formas como conduzimos a pesquisa metodologicamente, expressando concepções de produção de conhecimento, de relação entre os sujeitos envolvidos nesse processo e dos sentidos que orientam sua realização. Iniciamos com uma síntese sobre a *Sistematização de Experiências (SE)*, caminho para a pesquisa produzido na América Latina, fortemente relacionado aos Movimentos Sociais e à Educação Popular. A partir dessa síntese, refletimos sobre seu uso na pesquisa em educação. Apresentamos e analisamos as trajetórias de três investigações, sendo uma de mestrado e duas de doutorado, todas tendo a SE como referência teórico-metodológica. As análises realizadas partem do diálogo entre Paulo Freire e Oscar Jara. A partir delas apontamos para potencialidades e desafios desse referencial no contexto acadêmico, destacando as perspectivas e formas predominantes de produção do conhecimento nas universidades e os tempos e demandas dos grupos estudados.

Palavras-chave: sistematização de experiências; pesquisa em educação; formatação; educação popular.

Systematization of experiences: powers and challenges in education research

ABSTRACT

¹ Universidade Federal de Viçosa. Professora no Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa. Email: sarafalmeida@ufv.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4743307615850591>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1454-1070>.

² Universidade Federal de Ouro Preto. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto. Email: alessandra.faria@aluno.ufop.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5395045491604108>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7063-539X>.

³ Universidade Federal de Viçosa. Mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa. Email: daianecbarcelos@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9295755477486923>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9986-8744>.

In this paper we present reflections on the research paths referenced by Popular Education. This exercise emerges with the problematization of the ways in which we conducted the research methodologically, expressing conceptions of knowledge production, the relationship with its subjects and the meanings that guide its realization. We begin with a summary of the Systematization of Experiences, a path for research produced in Latin America, strongly related to Social Movements and Popular Education. Based on this synthesis, we reflect on its use in education research. We present and analyze the trajectories of three investigations, one for a master's and two for a doctorate, all having SE as a theoretical-methodological reference. The analyzes carried out start from the dialogue between Paulo Freire and Oscar Jara and from them we point to the potentialities and challenges of this reference in the academic context, highlighting the perspectives and predominant forms of knowledge production in universities and the times and demands of the studied groups.

Keywords: systematization of experiences; research in education; popular education.

Sistematización de experiencias: fortalezas y desafíos en la investigación educativa

RESUMEN

En este artículo presentamos reflexiones sobre los caminos de investigación referenciados por la Educación Popular. Este ejercicio surge con la problematización de las formas en que condujimos metodológicamente la investigación, expresando concepciones de producción de conocimiento, la relación con sus sujetos y los significados que orientan su realización. Comenzamos con una síntesis de la Sistematización de Experiencias, un camino de investigación producido en América Latina, fuertemente relacionado con los Movimientos Sociales y la Educación Popular. Con base en esta síntesis, reflexionamos sobre su uso en la investigación educativa. Presentamos y analizamos las trayectorias de tres investigaciones, una de maestría y dos de doctorado, todas teniendo a la SE como referente teórico-metodológico. Los análisis realizados parten del diálogo entre Paulo Freire y Oscar Jara y a partir de ellos apuntamos las potencialidades y desafíos de este referente en el contexto académico, destacando las perspectivas y formas predominantes de producción de conocimiento en las universidades y los tiempos y exigencias de los grupos estudiados.

Palabras clave: sistematización de experiencias; investigación en educación; educación popular.

INTRODUÇÃO



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.9 N.18: e258773 [2023]
**Dossiê Pesquisas decoloniais: sujeitos
“outros”, práxis “outras”**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2023.258773>

1.1 Interrogando a produção do conhecimento na universidade a partir da Pedagogia do Oprimido

Como pesquisadoras militantes, engajadas nas lutas dos coletivos populares e suas organizações, esse texto surge a partir de problematizações sobre o desenvolvimento da pesquisa acadêmica, em especial no campo da educação. Amparadas na Pedagogia da Pergunta (FREIRE e FAUNDEZ, 1985), alguns questionamentos orientam as reflexões presentes no texto: que caminhos temos trilhado com os coletivos populares, com os povos do campo, com os movimentos sociais, para produzir conhecimento? Que instrumentos e processos de pesquisa temos utilizado? Que olhares lançamos e que relações estabelecemos com os sujeitos e organizações com quem e com que temos pesquisado? Que questões e sentidos amparam e orientam os desenhos e o desenvolvimento da pesquisa acadêmica junto com esses sujeitos, suas organizações, e movimentos?

Estas questões emergem a partir de dois encontros: o primeiro, com as provocações dos próprios coletivos populares, dos oprimidos, nos termos de Paulo Freire (1987), coletivos esses que, a partir da sua ação educadora, nos indagam sobre as relações estabelecidas entre eles e a universidade, aqui, naquilo que se relaciona ou que é relativo à pesquisa acadêmica. O segundo, com forte relação com o primeiro, o encontro com Paulo Freire que, especialmente em sua Pedagogia do Oprimido, nos instigou a tornar perceptíveis essas provocações, acolhê-las como importantes e elaborá-las sob forma de perguntas, auxiliando-nos em nossas caminhadas de pesquisa no campo da educação. Ao longo desse texto, avançaremos nesses debates.

Antes de seguirmos, como elemento importante nessa produção, pontuamos que concebemos a pesquisa acadêmica como um caminho para a produção do conhecimento, mas não o único. Como todas essas formas de produção do conhecimento, a pesquisa acadêmica possui potencialidades, mas também limites, naturalizações sobre os caminhos de uma pesquisa “legítima e relevante” sobre os quais os coletivos populares nos colocam a pensar, a problematizar e a nos movermos a partir da sua própria ação criadora de caminhos para a produção do conhecimento, a exemplo da Sistematização de Experiências (JARA, 2006).

Por meio de suas pedagogias – das/os oprimidas/os, da indignação, da esperança – esses coletivos tensionam formas canônicas, não raro, desumanizadoras, no ato de conceber e no fazer da pesquisa, nos indagando e nos educando a seguir outros rumos na produção do conhecimento acadêmico.

Inspiradas em Paulo Freire (1983) em seus escritos sobre educação como prática da liberdade, buscamos caminhos para construir a pesquisa acadêmica como prática da liberdade.

1.2 Sistematização de Experiências e Educação Popular

Segundo Oscar Jara, a Sistematização de Experiências, tem seu histórico traçado no contexto latino-americano, tendo como perspectiva a construção de “referenciais próprios de interpretação teórica a partir das condições particulares de nossa realidade” (JARA, 2012, p. 35). A partir da década de 1960 passam a se desenhar mais sistematicamente formas de fissurar as perspectivas eurocentradas de produção do conhecimento, sendo elaboradas propostas para sua construção a partir dos coletivos e das questões colocadas pelas realidades latino americanas (JARA, 2006; 2012; 2020).

Segundo Jara (2012), o termo “Sistematização” originou-se no contexto das Ciências Sociais, tendo como horizonte a recuperação, ordenação e a classificação dos saberes existentes na área do Serviço Social, oportunizando, assim, a obtenção de um caráter científico diante das demais áreas. O mesmo autor aponta cinco afirmações que apresentam as primeiras abordagens da Sistematização na América Latina. São elas, segundo Jara (2012, p. 43-44):

- a) a referência à particularidade do contexto latino-americano e, portanto, à influência das perspectivas de transformação social que passam a ser predominantes no contexto teórico desse período;
- b) a negação de uma metodologia neutra, defendida pelas correntes norte-americanas dominantes no período anterior;
- c) a centralidade da prática cotidiana e do trabalho de campo profissional como fonte de conhecimento;
- d) a necessidade de superar a dicotomia entre formação teórica e aprendizagem prática;
- e) o interesse por construir um pensamento e uma ação sustentados e orientados com rigorosidade científica (JARA, 2012, p. 43-44).

Na mesma época, era elaborada uma teoria da Educação Popular, cujas bases de construção remontam ao século XIX, tomando força a partir do século XX, sobretudo na década de setenta, com a influência de Paulo Freire. De forma sintética, a Educação Popular é uma “concepção educativa, com

fundamentos epistemológicos, éticos, políticos e pedagógicos que permitem considerá-la como prefiguração de um modelo educativo transformador” (JARA, 2020, p. 21). Como explica Jara (2020) o termo “popular” em seu sentido político, refere-se a processos que buscam superar as relações de dominação, de opressão, de discriminação, de exploração, de iniquidade e de exclusão produzindo perspectivas de uma educação de bases equitativas, justas, respeitosas da diversidade e da igualdade de direitos para todas as pessoas.

A Educação Popular, reconhecida e produzida a partir de princípios de uma prática educativa transformadora engendrada pelos próprios sujeitos e/em seus coletivos, libertando-se a si próprios e aos seus povos das opressões vividas, como expresso por Paulo Freire (1987), ecoou fortemente no contexto latino-americano, sendo um dos elementos basilares da Sistematização de Experiências. Nesse sentido, esse referencial teórico-metodológico se produz em estreita relação com a Educação Popular (JARA, 2020), como um caminho para produção de conhecimentos e aprendizagens que, a partir do povo, possibilite ao povo, apropriar-se criticamente das experiências vividas, a fim de compreendê-las teoricamente e visando a transformação das realidades opressoras.

Como aponta a Pedagogia da Pergunta (FREIRE; FAUNDEZ, 1985), a Educação Popular pressupõe a produção de perguntas, uma postura investigativa, de rigorosidade, de criatividade, de diálogo, de vivência da *práxis* e do protagonismo dos sujeitos, valorizando os saberes e sentidos atribuídos pelas pessoas que viveram e/ou vivem a experiência, sujeitos produtores dos processos a serem sistematizados. Operacionalmente, ainda que não haja um modelo pré-definido para condução da pesquisa na perspectiva da Sistematização de Experiências, existe uma indicação de algumas etapas que compõem seu percurso, que pode partir:

[...] do ordenamento e da reconstrução dos fatos vividos; da descoberta e da explicitação da lógica do processo experimentado, bem como dos fatores que intervieram no processo compreendendo como se relacionaram entre si e porque o fizeram do modo que fizeram (JARA, 2006).

De acordo com a produção científica aportada pela Sistematização, esse referencial possibilita: a) organizar os conhecimentos anteriormente desordenados e as percepções dispersas na experiência social; b) objetivar o vivido a partir da identificação, classificação e reordenamento da experiência e

da atribuição de sentidos pelos grupos populares; c) interpretar os acontecimentos, comportamentos e sua evolução, para que sejam compartilhados, debatidos e confrontados coletivamente pelos sujeitos engajados no desenvolvimento da experiência e d) produzir conhecimentos novos, na medida em que promova a compreensão conceitual da experiência (ALMEIDA, 2018).

A partir desse “percurso”, a Sistematização de Experiências possibilita a construção do saber coletivamente, a partir de situações gnosiológicas, situações estas que, requerem “o desejo de aprender sempre de novo, com cada novo interlocutor e com cada nova situação” (BOUFLEUER, 2017, p. 200). Como aponta Jara (2006) extrair ensinamentos e compartilhar com outras pessoas deveria ser um trabalho priorizado por quem faz Educação Popular. Destaca ainda que, “aprender da experiência de outros, deveria ser uma atitude permanente dos que creem não possuir verdades definitivas e nem estar pondo em marcha práticas perfeitas” (JARA, 2006, p. 32).

2 Problematicando a pesquisa em educação a partir da Sistematização de Experiências

Gestada no contexto latino-americano, a Sistematização de Experiências é um caminho para a produção de conhecimentos que vem sendo utilizada por coletivos populares, suas organizações e movimentos em vários países. No interior de muitos desses grupos, ela encontra terreno fértil para seu desenvolvimento, a partir dos encontros estreitos com a *práxis* da Educação Popular, já vivenciada/produzida por estes coletivos. No âmbito da pesquisa universitária, no entanto, a Sistematização de Experiências é um caminho em construção e traz oportunas questões e tensionamentos à produção do conhecimento científico comumente associada a demandas do sistema hegemônico.

A pesquisa acadêmica vigente se ampara em uma perspectiva eurocentrada de produção do conhecimento. Como aponta Edgardo Lander (2006) trata-se de uma perspectiva de produção de conhecimento fragmentada, dualista, individualista, linear, branca, patriarcal, que rechaça a validade dos saberes dos grupos inferiorizados nos processos de colonização, negando sua cultura, seus modos de vida e, com frequência, sua própria vida. Além disso, como critica Grada Kilomba (2019), tal ciência eurocentrada que se postula como neutra e objetiva, é produtora de relações objetificadoras com as pessoas/coletivos, cujas realidades sociais são estudadas, produtora de cisões e hierarquias entre teoria e prática.

Produzir conhecimento a partir da referência da Educação Popular e da Sistematização de Experiências pressupõe um contato mais estreito e sensível com os diferentes grupos sociais e seu reposicionamento enquanto sujeitos (coletivos) portadores de conhecimentos e de formas de produzir saberes, inclusive acadêmicos. Implica na quebra da neutralidade e da objetividade da pesquisa, atribuindo novos sentidos às noções de rigor e legitimidade do conhecimento e dos processos de produção do saber acadêmico. Aqui, as relações desumanizadas entre opressor/a e oprimido/a, denunciadas por Paulo Freire (1987) no âmbito da educação, entre educadores/as e educandos/as, podem ser também observadas no contexto da produção científica.

A humanização das relações de pesquisa passa por uma mudança nos olhares e nas relações com os sujeitos/grupos com os quais se investiga, o que implica, não raro, em refletir e alterar os pressupostos da pesquisa, suas questões e objetivos, seus instrumentos e procedimentos, a forma como são produzidos e divulgados seus resultados. Partir dessa compreensão aporta mais um elemento caro à Sistematização de Experiências que é o entendimento de que os diferentes grupos sociais, coletivos populares, movimentos sociais, possuem suas próprias epistemologias – relações com o saber e formas de produção do mesmo – a serem reconhecidas e consideradas pelo/a pesquisador/a, no percurso da investigação. Aqui, abrem-se ponderações à pesquisa acadêmica no que se refere aos seus instrumentos e processos investigativos, a busca por uma forma segura, rápida e legítima academicamente na “coleta dos dados”, sua análise e produção de conclusões, por vezes impede o reconhecimento e utilização de outros métodos possíveis.

Antonia Darder (2019), amparada no referencial freiriano, problematiza as formas canônicas de produção de conhecimento no ambiente acadêmico. Afirmar a necessidade de transcender os limites da racionalidade, reconhecendo linguagens e culturas, não somente como importantes para nossa vivência nesse planeta, mas como potência de discernimento crítico, em um mundo opressor e colonizado. A autora aponta para a necessidade de mobilizar *sensibilidades interpretativas* adquiridas ao longo da história pessoal/coletiva subalterna na produção das interpretações do que se estuda.

Ressaltamos que esse movimento exige cuidado, devendo ser realizado sempre por meio de uma prática dialógica, não se tratando de uma apropriação descontextualizada de saberes e práticas dos coletivos populares, como também é recorrente na academia. Trata-se de um exercício de convivência, escuta e reconhecimento desses coletivos a partir de uma perspectiva dialética

e o entendimento da pesquisa como ato e instrumento de humanização. Sobre esse aspecto, tema central do pensamento de Paulo Freire, na Sistematização de Experiências, assim como na Educação Popular, o ponto de partida da produção do conhecimento são as situações concretas de opressão vividas pelos coletivos populares (JARA, 2018) que despontam na convivência e no diálogo verdadeiro.

A indignação (FREIRE, 2016a), o mal-estar pessoal e social (GALLARDO, 2021), a luta pela reconstrução da destruída condição humana (FREIRE, 1987), é que movem os coletivos no sentido de desvelarem as opressões, a partir da construção conjunta de questões sobre os processos vividos, mobilizando desencadeamentos de conscientização coletiva e crítica, logo, gerando conhecimentos que alimentam a superação das realidades desumanizadoras. Aqui, mais um possível ponto de desencontro com as questões forjadas no contexto acadêmico hegemônico, cujos sentidos de produzir conhecimento sobre (ainda que com) os coletivos populares, e seus movimentos, recorrentemente não são produzidos a partir, junto ou na direção de responder questões que tocam as realidades desses grupos, mas a partir de “interesses intelectualistas”, como criticam Paulo Freire e António Faundez (1985).

Perseguindo o intuito de construir novas bases teóricas, filosóficas, científicas e pedagógicas pautadas nos *saberes de experiência feita* (FREIRE, 1987) e nos temas reais, essenciais e urgentes dos grupos populares (ALMEIDA, 2018), é que se propõe a Sistematização de Experiências como referencial e estratégia investigativa crítica.

2.1 Sistematização de Experiências e a pesquisa acadêmica

Este tópico aborda alguns pontos que nos parecem relevantes sobre o uso da Sistematização de Experiências como referencial teórico-metodológico no âmbito da pesquisa acadêmica. Buscamos fazer esse debate, a partir da reflexão sobre três investigações no campo da educação, sendo duas em andamento em nível de mestrado e doutorado e uma pesquisa de doutorado já finalizada.

A pesquisa de mestrado iniciada em 2022, é continuidade de um processo amplo de trabalho com a SE, iniciado em 2018, como iniciação científica. Desde o início, a pesquisa contou com colaboradores/as docentes, estudantes e egressos/as da Licenciatura em Educação do Campo de uma Universidade Federal brasileira. Juntos/as, os/as colaboradores/as e

mediadoras da SE, sistematizaram a experiência vivida no desenvolvimento do Projeto de Estudo Temático⁴, que é um instrumento didático-pedagógico criado e utilizado no processo de formação docente desse curso (BARCELOS, 2021, *no prelo*). Sob o aporte da Sistematização, foi possível inaugurar uma agenda de pesquisa nessa Licenciatura. O uso dessa abordagem apontou para docentes e discentes, potencialidades e limitações dessa estratégia pedagógica na construção de uma didática e de um projeto educativo transformador no âmbito do Ensino Superior.

A pesquisa evidenciou que o PET cumpre seus objetivos pedagógicos de possibilitar que docentes da Licena conheçam a realidade dos/as estudantes e que estes/as, por sua vez, desenvolvam olhar crítico sobre a realidade vivida, desenvolvendo capacidades de atuação em seus territórios. Evidenciou, também, as contribuições na vida dos/as egressos/as que atuam em escolas do campo ou escolas urbanas, e utilizam conhecimentos adquiridos por meio do desenvolvimento do PET quando eram estudantes. Os resultados da pesquisa apontaram desafios do PET a serem superados, tais como: dificuldades que docentes encontram para a concretização da interdisciplinaridade; baixa compreensão por parte dos/as estudantes acerca da continuidade entre os roteiros do PET; importância da devolutiva do PET à comunidade; necessidade de que seus roteiros sejam elaborados coletivamente entre docentes e estudantes.

A pesquisa de doutorado, concluída em 2018, lançou mão da Sistematização de Experiências como ferramenta pedagógica e científica que aportou para o processo de formação política da população de rua, no interior de São Paulo, que, em parceria com atores sociais diversos, instituíram-se como um coletivo em busca de direitos sociais negados a esse grupo popular (ALMEIDA, 2018). No decorrer das ações políticas protagonizadas pelos envolvidos, os pressupostos teóricos e procedimentos da Sistematização, serviram como guia que orientou a caminhada e ajudou a fortalecer o coletivo até sua consolidação na arena política brasileira. Além disso, a Sistematização somada à matriz teórica da Filosofia da Libertação, de Enrique Dussel contribuiu para a construção de um referencial pedagógico próprio da População de Rua, no tocante à sua formação e organização militante.

⁴ Os PET's – Projetos de Estudo Temático são atividades de pesquisa nos processos de formação de educadoras/es na Educação do Campo da LEdoC referida no texto. Com forte referência no pensamento de Paulo Freire sobre os sujeitos e os sentidos do conhecimento, no contexto da Pedagogia da Alternância, conectam o tempo que as/os estudantes estão na universidade, o Tempo Universidade e o tempo que estão nas suas comunidades, o Tempo Comunidade, a partir de uma atividade de pesquisa feita pelas/os estudantes sobre os territórios, conectando esses territórios de conhecimento, seus sujeitos e saberes.

Já em relação à pesquisa de doutorado em andamento, iniciada em 2020, o corte feito para este texto é relativo aos seus dois primeiros anos, quando houve uma tentativa de utilização da Sistematização de Experiências junto a uma organização quilombola (CAMPOS, 2020). Desafios de várias naturezas, incluindo tensões raciais e o isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19, impediram que os processos da Sistematização fossem desenvolvidos, o que também nos serviu de base analítica interessante para este ensaio.

3 Contornos possíveis e reflexões necessárias

Como vimos, a Sistematização se constitui, no interior de grupos engajados, seja na universidade ou fora dela, como conjunto de processos coletivos de construção do saber. Aqui, quem pesquisa deixa de ocupar um lugar hierárquico e utilitarista, no qual apenas coleta os saberes das pessoas/grupos envolvidas/os na pesquisa e os interpreta.

Buscando construir relações mais horizontais no processo da pesquisa entre as/os envolvidas/os, a Sistematização cria possibilidades para que todas as pessoas possam aprender e ensinar, proporcionando “um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1983, s.p). Sobre este tema, chamamos atenção para dois pontos: o primeiro, sobre as relações interpessoais na pesquisa e o segundo, sobre o caráter epistemológico da Sistematização de Experiências.

O primeiro, diz respeito às relações hierárquicas historicamente estabelecidas entre a universidade, os coletivos populares e suas organizações. No caso da pesquisa de mestrado, a que fazemos referência nesse texto, o pertencimento dos sujeitos da pesquisa ao mesmo grupo social e o fato de todas/os serem parte da experiência analisada, aspecto importante para a produção da Sistematização (JARA, 2018), reduziu, consideravelmente, as tensões relativas às hierarquias socialmente estabelecidas entre universidade e o grupo que colaborou com o estudo.

O processo da pesquisa, cujo campo se realizou antes do início do isolamento social provocado pela pandemia da COVID-19, a forma como as pessoas foram convidadas a compor os espaços analíticos, o local onde foram realizados, a construção de amplos entendimentos e consensos sobre o processo por parte do grupo, favoreceram sua participação horizontal, ativa e engajada na Sistematização (ver figura 1).

Figura 1: Painéis construídos coletivamente no processo desencadeado pela Sistematização.



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Na pesquisa de doutorado concluída, a pesquisadora coordenadora do processo de Sistematização, adentrou-se oficialmente como militante política com o grupo social, anteriormente a iniciação do processo investigativo junto a eles/as. Esse fato permitiu a convivência assídua, a abertura ao diálogo e a construção de vínculos sólidos de confiança com a população de rua, no interior de São Paulo. Estes fatores levaram à construção da pauta da pesquisa, logo, à eleição da Sistematização como referencial teórico-metodológico coerente com as ações políticas desencadeadas pelo coletivo.

No que toca a pesquisa de doutorado em curso, distâncias e diferenças sociais e, sobretudo, raciais e étnicas entre a pesquisadora e o grupo estudado, somada ao fato da integração recente à organização da pesquisadora a organização vinculada ao desenvolvimento da pesquisa, interferiram severamente na possibilidade de realização da Sistematização. No contexto das negociações para a realização da pesquisa, buscou-se um diálogo intenso e constante, o mais aberto e franco possível, sobre as relações de poder que perpassam as relações interpessoais dos sujeitos envolvidos no processo da pesquisa. Ainda, que desafiadas/os e limitadas/os pelas relações de pesquisa intermediadas pelos meios digitais, dado o isolamento social produzido pela pandemia, tal postura desencadeou um processo de reflexão e aprendizagens para todo o grupo, trazendo à tona temas caros às sociedades colonizadas como a nossa, como o racismo, a branquitude e o eurocentrismo na produção do conhecimento.

Outro caminho importante foi a busca por referenciais teóricos que auxiliam no desvelamento e elaboração dessas tensões existentes em contextos colonizados. Como ressaltam Mignolo e Vázquez (2017), no processo de produção do conhecimento é fundamental o reconhecimento dos lugares que ocupamos na matriz colonial de poder ou, como em Antonia Darder (2019 *apud* GROSGOUEL, 2011), reconhecer nosso lugar de enunciação localizado geopoliticamente no mundo, mas também localizado a partir da referência do próprio corpo dentro da sociedade na qual nos inserimos.

Esse reconhecimento figura como um primeiro passo de produção de caminhos possíveis para, senão romper, amenizar os efeitos das relações hierárquicas no contexto da pesquisa através da tomada de consciência de todo o grupo sobre elas. Oportunizado pela proposição da Sistematização de Experiências, nesses des-encontros, desafiados/as pelas nossas diferenças, em meio às tensões e em diálogo sobre elas, foi possível avançar em debates importantes sobre a produção do conhecimento acadêmico, desvelando suas violências e construindo caminhos possíveis e necessários, ainda que difíceis⁵.

No que se refere ao segundo ponto, relativo à dimensão epistemológica da Sistematização de Experiências, mais uma vez somos convidados/as a retomar o tema dos olhares e posturas sobre os sujeitos no processo de

⁵ No caso deste estudo, tais debates levaram à elaboração de questões de natureza metodológica, teórica e ética que conduziram à uma alteração radical nos rumos da pesquisa, como apontado anteriormente. A investigação passa a ser realizada somente com mulheres e as frentes de luta são ampliadas para além das lutas quilombolas.

produção do conhecimento acadêmico. Durante a *Escuela Internacional sobre Sistematización de Experiencias Pedagógicas*, em meados de 2021, um ponto consensual entre as/os palestrantes, também presentes nos referencias de leitura indicados para este curso, foi que a Sistematização está situada no campo da produção de conhecimento, no campo epistemológico (JARA, 2018) e tem como horizonte a transformação social.

A presença desses dois pontos consensuais não é gratuita. Aqui retomamos o sentido da produção do conhecimento e do ato de conhecer, como nos referimos agora há pouco e como sugere Paulo Freire, em sua *Pedagogia do Oprimido*. Por meio da reflexão e da ação comum, “este saber da realidade”, se guia na direção de romper com a condição de “coisa” a que muitos grupos sociais foram submetidos, se descobrindo estes coletivos como seus refazedores permanentes (FREIRE, 1987).

Efetivar a potência, como produtora de conhecimentos no âmbito da Sistematização de Experiências, implica em tomá-la, não como um conjunto de ferramentas ou instrumentos, mas como um método (GALLARDO, 2021), como uma postura diante da realidade, dos sujeitos e do conhecimento, envolvendo assim, dimensões políticas e éticas. Os sujeitos que viveram/vivem as experiências a serem analisadas e elaboradas devem ser reconhecidos como os protagonistas no curso da sua sistematização e dos seus produtos. Na Sistematização de Experiências, é importante considerar que a leitura de mundo varia de pessoa para pessoa. Embora estejamos todas/os no “mesmo mundo”, nossas concepções se manifestam nas várias formas de nossa ação, refletindo nossa situação no mundo (FREIRE, 1987).

No processo de Sistematização, faz-se importante que todos/as se sintam à vontade e com desejo de partilhar suas vivências relacionadas à experiência em debate, cada pessoa com sua perspectiva e com suas impressões, uma vez que, os/as participantes devem ter aproximações com a experiência em análise. Todos/as, igualmente, necessitam ter ouvidos de discípulo e pronunciar sua palavra no sentido de irem, juntos/as, constituindo um campo analítico e interpretativo sobre os aspectos da experiência sistematizada. Além disso, faz-se indispensável também o registro rigoroso de todos os passos e conclusos dos grupos.

A Sistematização não tem como objetivo julgar experiências, como nos ensina Oscar Jara (2006). Trata-se de um processo de compartilhamento e de produção coletiva de críticas, reflexões e caminhos a serem seguidos a partir das contribuições e das questões colocadas por cada pessoa sobre uma dada situação/processo vivenciado pelo coletivo do qual fazem parte.

A Sistematização de Experiências como caminho para a produção de conhecimento no contexto da pesquisa acadêmica (ou não), é sempre desafiadora. Mais uma vez referenciadas por Paulo Freire (1987), observamos que os processos de opressão, dos quais fazem parte a política do silenciamento dos coletivos populares, têm implicações na produção dessas vozes que desumanizadas por vezes duvidam da sua capacidade de produzir conhecimento. Tendo seus saberes inferiorizados, deslegitimados, não raro, não se reconhecem como seus/suas portadores/as. Além disso, é importante reconhecer o fato de que a opressão histórica sofrida pelos grupos subalternizados conduz parte desse grupo a “hospedar o opressor dentro de si”, como aponta Paulo Freire (1987), quando trata do tema da superação da contradição opressor-oprimido.

Lidar com essas questões, requer a produção de contextos acolhedores e metodologias que criem condições favoráveis para que as pessoas se sintam à vontade e desejosas de dizer sua palavra, como já apontamos anteriormente relativo à pesquisa junto aos estudantes e professores da Educação do Campo. Demanda, também, posicionamento político em prol da transformação da realidade de opressão que renega grupos sociais à margem da sociedade, como foi o caso da pesquisa de doutorado com a População de Rua no interior de São Paulo. Aqui, mais uma vez, para a pesquisa em curso junto com a organização quilombola, foi experimentado um desafio ampliado, entre outras razões, pela mediação das relações humanas pelas tecnologias digitais durante o período de isolamento social.

Os caminhos e os horizontes da Sistematização de Experiências e os câmbios que promove nos lugares sociais na pesquisa e nos sentidos da produção do conhecimento, visando a reflexão, a produção de questões e elementos para alterar as realidades de opressão vivenciadas pelos grupos populares e seus movimentos, indaga os modos tradicionais e os pressupostos de uma ciência eurocentrada.

Nesse sentido, optar pela Sistematização como referencial teórico-metodológico de pesquisa é, para os/as pesquisadores/es engajados/militantes, um ato político de resistência face a uma ciência que desumaniza. Tensiona as formas vigentes da produção do conhecimento presentes na academia, potencializando e complexificando o debate sobre a ética na pesquisa e os sentidos da universidade diante das camadas populares e diante da sociedade.

Produzindo frestas no interior da universidade, a pesquisa que se vale da Sistematização de Experiências junto aos coletivos populares e suas

organizações, pode potencializar, por vezes, produzir a visibilidade no meio acadêmico, das formas como se constituem e vivem esses grupos, como se organizam, quais seus sentidos para a produção do conhecimento, a partir da sua (auto)afirmação como sujeitos produtores de história, de vida e de conhecimentos.

Relativo à pesquisa de doutorado com a População de Rua e com o Movimento Social que a representa, durante os encontros foram construídas maneiras de fazer políticas próprias às reais condições dessa parcela da sociedade e os debates, análises, interpretações dos acontecimentos vividos pelo grupo de pesquisadores/as que viviam na rua e seus apoiadores/as que não viviam na rua, decorrentes dos pressupostos da Sistematização. Tal forma de ação, permitiu o fortalecimento daquele coletivo que se instituiu como um Fórum da População de Rua (ALMEIDA, 2018).

Para a pesquisa na Licenciatura em Educação do Campo, foi possível perceber como a Sistematização de Experiências contribuiu, tanto na formulação teórica da experiência em questão quanto no processo formativo, pessoal e social das pessoas envolvidas. Além disso, como vivenciado nessa pesquisa a sistematização cria espaços de estímulo e apoio para a produção e organização dos conhecimentos desses grupos, nesse caso, para problematizar e potencializar um dos instrumentos usados na sua formação (ALMEIDA *et al.* 2021). Também nessa direção, a Sistematização pode ser um momento de parada para reflexão e produção de perguntas e caminhos para os coletivos populares, diante das dinâmicas diárias tão intensas, por vezes extenuantes que lhes são impostas, dado o lugar social que ocupam como classe trabalhadora, e os desdobramentos de diversas naturezas desse lugar de resistência às incessantes opressões, violações da vida e direitos sociais desses grupos.

Nesse ponto, ressaltamos mais um desafio na realização da Sistematização. Sistematizar experiências demanda tempo e disponibilidade, algo que no seio das organizações populares é, por vezes, bastante limitado, como explicitou o processo de negociações junto da organização quilombola. A Sistematização de Experiências se colocou como algo incompatível com o intenso ritmo das vidas pessoais e profissionais dos/as membros do movimento. Relativo ao povo negro e quilombola do campo, nos remetemos aqui a vidas marcadas pela busca pela existência material imediata, pelo engajamento em diferentes frentes de militância na luta contra às opressões e uma intensidade de demandas a serem respondidas pela organização nos seus poucos momentos (virtuais) de encontros do grupo. Em uma sociedade

capitalista e racista, a pandemia e o isolamento social tiveram efeitos acirradamente brutais para este grupo social, o que exigiu ainda mais da militância.

Por parte da pesquisadora, o exercício da pesquisa foi de compreensão, cuidado e atenção constante com os lugares de poder ocupados, refletidos no processo da pesquisa (portanto, lugares sociais, acadêmicos e raciais). Nesse caso, mais que um constante recriar as formas clássicas da sistematização, já indicados na literatura, avaliamos que este grupo colocou em xeque a própria pertinência desse caminho metodológico como adequado para si, no contexto que aqui relatamos, tema sobre o qual também nos provoca Jara (2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como aponta o educador popular argentino, Ezequiel Alfieri, em sua exposição na referida *Escuela Internacional sobre Sistematización de Experiencias Pedagógicas*⁶, a sistematização se faz contra uma lógica de construção positivista eurocêntrica de conhecimento; contra uma concepção investigador/a individual, separado dos processos coletivos, objetivado e separado de suas paixões e sentimentos; contra um sentido construído no qual o pensamento científico moderno é o único produtor de ideias e respostas, válido no marco de uma economia capitalista.

No que se refere à relação da Sistematização com os movimentos sociais, especificamente, afirma que se trata de lançar um olhar sobre os movimentos que não o hegemônico olhar externo da academia, geralmente lançado para os movimentos sociais e populares que os investiga, os analisa e os coisifica. Para este educador e pesquisador popular, os movimentos sociais, em suas contradições, contém elementos transformadores das relações sociais e incidem sobre a mudança da realidade social, propondo pontos de fuga dos esquemas instituídos e produzindo, em seu interior, outros futuros possíveis. Nesse contexto, segue afirmando que, para os movimentos sociais, a Sistematização é um caminho por meio do qual é possível ver onde estão as contradições, identificando nelas elementos que possam se constituir como caminhos de possibilidade de mudança social.

Em um contexto de grandes adversidades, no qual está presente a histórica tentativa de extermínio da diversidade dos grupos humanos e das

⁶ A gravação dessa exposição está disponível em <https://youtu.be/XRvkAwH9Vdc>. Acesso em 27/08/2021.

suas formas de pensar, sentir, de estar sendo no mundo, é importante que a universidade, sobretudo a universidade pública, como lugar importante de produção de conhecimento em nossa sociedade, assuma seu compromisso com os coletivos populares, suas organizações e movimentos, visando a produção de outras formas e sentidos para as ciências.

Nessa direção, retomamos Paulo Freire em suas construções sobre a ideia de radicalidade na Pedagogia do Oprimido (1987) e na Pedagogia da Esperança (2016b). Para ele, uma posição radical implica na recusa de qualquer tipo de solução empacotada ou pré-fabricada. Implica contestar a opressão colonial, resistir às ideologias dominantes, transformar o sistema a partir de baixo, a partir dos/as debaixo. Lutar contra a “desafricanização”, “descolonializar as mentes”, garantindo o direito à autodefinição negada pelo colonialismo e pela colonialidade (FREIRE, 2016b); é lutar pelo direito à humanidade. Radicalizar é um ato de enraizar-se na opção que fazemos, nos engajando, cada vez mais, no esforço de transformação da realidade concreta. Radicalizar é sempre um ato de criação a partir do que já existe, da realidade concreta. É assim, um ato de criticidade que nos alimenta.

A Sistematização de Experiências, como referencial teórico-metodológico que orienta a produção de conhecimentos acadêmicos, como apresentamos nesse texto, inscreve-se na produção dessas radicalidades. Como em todo percurso de pesquisa há desafios, como os aqui refletimos sobre, mas a forma da condução dos mesmos pode trazer relevantes, ricos e inesperados aportes para os processos de produção do conhecimento científico que se faça popular e emancipatória. Finalizamos afirmando que, a despeito dos desafios e limites que a Sistematização de Experiências possa apresentar, ela configura-se como caminho possível para afirmar e dinamizar o compromisso da academia com os coletivos populares, suas organizações e movimentos, sendo basilares o protagonismo e o diálogo com esses grupos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. F. de. **Andarilhos da esperança**: estudo sobre a luta política impulsionada pela vida na rua e seus processos educativos sistematizada na experiência do Fórum da População de Rua de São Carlos/SP entre 2016 e 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, São Carlos, 2018.



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.9 N.18: e258773 [2023]
**Dossiê Pesquisas decoloniais: sujeitos
“outros”, práxis “outras”**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2023.258773>

ALMEIDA, Sara. Ferreira; BARCELOS, Daiane. Cenachi; GOMES, Danila. Ribeiro. Educação do Campo como expressão do legado de Paulo Freire: educar para a liberdade na licenciatura por meio da Pedagogia da Alternância e do Projeto de Estudo Temático. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, 2021. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa> Acesso em: jan/2021.

BARCELOS, Daiane Cenachi. A experiência do Projeto de Estudo Temático frente ao processo de formação docente na Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza da UFV: possibilidades e desafios. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Viçosa, 2021, *no prelo*.

BOUFLEUER, José Pedro. Gnosiológica (Situação). In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 199-200.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**: escola é mais do que escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CAMPOS, Alessandra Bernardes Faria Campos. **Pedagogias da resistência e afirmação quilombola**: trajetórias de egressas/os de licenciaturas em Educação do Campo e a construção da educação escolar quilombola. 2020. 15 f. Projeto de Pesquisa (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2020.

DARDER, Antonia. Decolonizing interpretative research. In.: DARDER, Antonia (org.) . **Decolonizing interpretative research**: a subaltern methodology for social change. Abington, South Africa: Routledge, 2019. pp. 3-36.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Trad. Rosisca Darcy de Oliveira. 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983. 93p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra. 2016a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra. 2016b.

FREIRE, Paulo e FAUNDEZ, Antonio. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GALLARDO, Benjamin Berlanga. **Lograr que los signos del mundo nos violenten lo suficiente como para que el pensamiento piense**: acerca de la sistematización como práctica em la educación popular. (texto produzido para a Escola Internacional

de sistematização de experiências pedagógicas, em 14 de junho de 2021, organizada por “*Otras Voces en la Educación*”, disponibilizado às/aos participantes do curso).

JARA, Oscar. **Para sistematizar experiências**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006.

JARA, Oscar. **A Sistematização de Experiências**: prática e teoria para outros mundos possíveis. Trad. Luciana Gafrée e Silva Pinevro, 1ª ed. Brasília, DF: CONTAG, 2012.

JARA, Oscar. **La sistematización de experiencias**: práctica y teoría para otros mundos posibles. Bogotá: Centro Internacional de Educación y Desarrollo Humano, 2018.

JARA, Oscar. **A educação popular latino-americana**: história e fundamentos éticos, políticos e pedagógicos. São Paulo: Ação Educativa; CEEAL; ENFOC, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LANDER, Edgardo. La ciencia neoliberal. In.: CECENÁ, Ana Esther (coord.). **Los desafíos de las emancipaciones en un contexto militarizado**. Buenos Aires: CLACSO, 2006. pp.45-122.

MIGNOLO, Walter; VÁZQUEZ, Rolando. Pedagogía y (de)colonialidad. In: WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir. Tomo II. Ecuador: Editora Abya-Yala, 2017. Disponível em: <https://ayalaboratorio.com/2018/03/31/catherine-walsh-pedagogias-decoloniales-praticas-insurgentes-de-resistir-reexistir-e-reviver/> Acesso em: 4 nov. 2020.

SANTOS, Ramofly Bicalho dos; SILVA, Marizete Andrade da. **Políticas públicas em educação do campo: Pronera, Procampo e Pronacampo**. Revista Eletrônica de Educação, v. 10, n. 2, p. 135-144, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14244/198271991549> Acesso em: abr/2021.

SILVA, Maria. do Socorro. Da raiz à flor: produção pedagógica dos movimentos sociais e a escola do campo. In: MOLINA, M.C. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Educação do Campo e Pesquisa**: questões para reflexão. Brasília, 2006.

Submissão em 02 de junho de 2023.
Aceite em 25 de julho de 2023.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0

*Sistematização de experiências:
potências e desafios na pesquisa em educação*

Internacional. Texto da Licença:
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.9 N.18: e258773 [2023]
**Dossiê Pesquisas decoloniais: sujeitos
“outros”, práxis “outras”**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2023.258773>